

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvío Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras: representações, construções e textualidades

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L649 Letras: representações, construções e textualidades /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-184-5
DOI 10.22533/at.ed.845210706

1. Letras. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de
(Organizador). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS: REPRESENTAÇÕES, CONSTRUÇÕES E TEXTUALIDADES**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos em adaptação e tradução; e outras temáticas.

Estudos literários traz análises sobre identidade cultural, memória, resistência, feminino, ecocrítica, cultura, regionalismo, história, poesia, prosa, turismo e literatura.

Em estudos em adaptação e tradução são verificadas contribuições que versam sobre literatura e teatro, além de mitologia andina.

Outras temáticas congrega estudos sobre arquitetura do espaço escolar e sociologia das ausências.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| IDENTIDADE CULTURAL EM TRÂNSITO: UM OLHAR A PARTIR DO CONTO “RÉPLICA” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE | |
| Maria do Socorro Souza Silva | |
| Maria Lidiana Costa | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107061 | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: APROXIMAÇÕES ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E MÁRCIA KAMBEBA | |
| Lívia Verena Cunha do Rosário | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107062 | |
| CAPÍTULO 3 | 25 |
| O CONCEITO DE RESISTÊNCIA PRESENTE NO CONTO <i>ANACONDA</i> , DE HORÁCIO QUIROGA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA LATINA SOB O VIÉS DO PÓS-COLONIALISMO | |
| Geovani Augusto Nunes | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107063 | |
| CAPÍTULO 4 | 32 |
| “LOS CONVIDADOS DE AGOSTO”: SIMBOLISMO Y TRANSGRESIÓN FEMENINA | |
| Karina Reis de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107064 | |
| CAPÍTULO 5 | 37 |
| A VISÃO ECOCRÍTICA DE MIYAZAKI EM PRINCESA MONONOKE | |
| Nicole Torres Pacheco | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107065 | |
| CAPÍTULO 6 | 51 |
| DISCURSO E IDEOLOGIA EM ANGÚSTIA: UMA BREVE ANÁLISE | |
| Larissa Xavier de Oliveira | |
| Maria de Lourdes Rossi Remenche | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107066 | |
| CAPÍTULO 7 | 62 |
| ALENCAR CULTURA E IDENTIDADE EM <i>TIL</i> : UMA ABORDAGEM DISCURSIVA | |
| Micheline Tacia de Brito Padovani | |
| DOI 10.22533/at.ed.8452107067 | |
| CAPÍTULO 8 | 73 |
| O REGIONALISMO REVISITADO NA AMAZÔNIA: BELÉM DO GRÃO PARÁ E DOIS IRMÃOS | |
| Damaris de Souza Silva | |

Veronica Prudente Costa
Rosidelma Pereira Fraga
DOI 10.22533/at.ed.8452107068

CAPÍTULO 9..... 89

SAMBAÍBA DESCREVE AS VIVÊNCIAS DO SERTÃO PIAUIENSE: FONTES IBIAPINA À LUZ DAS TEORIAS DE LUKÁCS E BENJAMIN

Layane Rodrigues dos Santos
Raimunda Celestina Mendes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.8452107069

CAPÍTULO 10..... 101

MISÉRIA E “MAU GOSTO” EM RODOLFO TEÓFILO E LUÍS ROMANO

João Luiz Xavier Castaldi

DOI 10.22533/at.ed.84521070610

CAPÍTULO 11 112

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO: LITERATURA E HISTÓRIA DO SÉCULO XIX

Tamara Cecília Rangel Gomes
Ethmar Vieira de Andrade Filho

DOI 10.22533/at.ed.84521070611

CAPÍTULO 12..... 116

DIZER O INDIZÍVEL: OS NEGROS E A ESCRAVIDÃO NO DISCURSO DE VIAJANTES ARGENTINOS AO BRASIL

Lyanna Costa Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.84521070612

CAPÍTULO 13..... 128

FUTEBOL, POLÍTICA E CULTURA NO CONTO “JÁ PODEIS DA PÁTRIA FILHOS”, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Lucas Santana Viana Pontes

DOI 10.22533/at.ed.84521070613

CAPÍTULO 14..... 136

SOB A PELE DAS PALAVRAS: ANÁLISE DE UM POEMA DE MICHELINY VERUNSCHK

Natália Tano Portela
Danilo Santos Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.84521070614

CAPÍTULO 15..... 143

O DIÁLOGO INTERTEXTUAL IMPLÍCITO EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Igor Azevedo Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.84521070615

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 16 | 158 |
| TURISMO E LITERATURA: A EXPERIÊNCIA PORTUGUESA | |
| Eva Maria Marques Milheiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070616 | |
| CAPÍTULO 17 | 169 |
| A ADAPTAÇÃO TEATRAL: EFEITOS DE SENTIDO DA OBRA LITERÁRIA NO TEXTO DRAMÁTICO | |
| Maria Clara da Costa Lopes | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070617 | |
| CAPÍTULO 18 | 184 |
| TRADUÇÃO COMENTADA DA MITOLOGIA ANDINA “URSO RAPTOR” DIALOGANDO COM BELÉN | |
| Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070618 | |
| CAPÍTULO 19 | 193 |
| DO CONCEITO DE ESPAÇO: UMA REFLEXÃO A CERCA DA ARQUITETURA DO ESPAÇO ESCOLAR | |
| Francisca Rodrigues Lopes | |
| Marcos Rafael Monteiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070619 | |
| CAPÍTULO 20 | 205 |
| A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS DE SANTOS E A CEGUEIRA DOS SABERES DE MORIN PELO VIÉS DOS REGIMES DE INTERAÇÃO DE LANDOWSKI | |
| Wiliana Carneiro Carvalho | |
| Noelma Oliveira Barbosa | |
| Bruno Gomes Pereira | |
| Juscelino Laurindo dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.84521070620 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 220 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 221 |

MISÉRIA E “MAU GOSTO” EM RODOLFO TEÓFILO E LUÍS ROMANO

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 01/03/2021

João Luiz Xavier Castaldi

Universidade de São Paulo
São Paulo - SP

<http://lattes.cnpq.br/9824073026327838>

RESUMO: Neste trabalho tencionamos apontar convergências e divergências entre os romances *A Fome*, de Rodolfo Teófilo, escrito no Brasil em fins do século XIX, e *Famintos*, de Luís Romano, escrito em Cabo Verde, então colônia portuguesa, na década de 1940. Analisando as notáveis semelhanças temáticas, procuraremos observar como o retrato da miséria e da fome, surgidas da confluência entre condições climáticas extremas e o descaso do poder público, perpassa estas duas obras, arrastando consigo certa tradição e ao mesmo tempo com ela rompendo em muitos aspectos. Outrossim, objetivamos avaliar alguns aspectos formais, sobretudo questões relativas ao grotesco e à noção de “bom gosto”, e em que medida cada um dos autores alinha-se ou não à estética vigente nos contextos em questão – os ecos da revista *Claridade* no caso de Romano, o Naturalismo no caso de Teófilo – investigando assim a especificidade de cada escritor e também as motivações e o legado de um e de outro dentro de seus respectivos sistemas literários e culturais. Esta discussão acerca da linguagem e dos propósitos de cada obra levar-nos-á a refletir sobre como as soluções estéticas de

cada romance relacionam-se com seus objetivos políticos e sociais, e sobre a própria função que o intelectual, sobretudo o escritor, desempenha na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Rodolfo Teófilo; Luís Romano; Fome; Naturalismo brasileiro; Literatura cabo-verdiana.

POVERTY AND “BAD TASTE” IN RODOLFO TEÓFILO AND LUÍS ROMANO

ABSTRACT: In this work we intend to point out convergences and divergences between the novels *A Fome*, by Rodolfo Teófilo, written in Brazil at the end of the 19th century, and *The Famished (Famintos)*, by Luís Romano, written in Cape Verde, at the time Portuguese colony, in the 1940's. Analyzing the notable thematic similarities, we will try to observe how the representation of poverty and starvation, arising from the confluence between extreme weather conditions and the neglect of the public authorities, runs through these two books, dragging with it some tradition and at the same time breaking with it in many aspects. Furthermore, we aim to evaluate some formal aspects, especially questions related to the grotesque and the notion of “good taste”, and how each of the authors aligns or not with the current aesthetic in the contexts in question – the echoes of the literary magazine *Claridade*, in the case of Romano, the Naturalistic School in the case of Teófilo – thus investigating the specificity of each writer and also the motivations and legacy of one and the other within their respective literary and cultural contexts. This discussion about the language and

purposes of each work will lead us to reflect on how the aesthetic solutions of each novel relate to its political and social objectives, and on the very role that the intellectual, especially the writer, plays in society.

KEYWORDS: Rodolfo Teófilo; Luís Romano; Starvation; Brazilian naturalism; Cape Verdean literature.

Como se sabe, a miséria é tema universal, que há séculos manifesta-se de uma ou outra forma nas letras dos mais diversos países. Dado o histórico de exploração e desigualdade que se observa na América Latina e na África lusófona, é natural que o tema seja ainda mais frequente nas manifestações literárias dessas regiões, configurando-se por vezes como assunto central. Outrossim, se fecharmos nosso foco no Nordeste brasileiro e no arquipélago de Cabo Verde, as representações da pobreza apresentam, via de regra, um elemento a mais: a seca.

Nosso objetivo neste trabalho é investigar de que forma e que com que objetivos éticos e estéticos a seca, a miséria e a fome manifestam-se nas obras do cabo-verdiano Luís Romano e do brasileiro Rodolfo Teófilo, dois escritores pouco lembrados e por vezes reduzidos ao nível da pura e simples militância, quando não explicitamente tachados como artistas ruins.

Rodolfo Teófilo nasceu na Bahia, mas sempre considerou-se cearense. Os pais do autor – mãe baiana e pai do Ceará – encontravam-se em Salvador à época de seu nascimento, fato de que Teófilo toma conhecimento apenas na vida adulta. Em *Coberta de tacos*, o escritor declara:

Estou identificado com esta terra mártir. A ela dei toda a minha mocidade, os melhores dias da minha vida e continuo a dar os dias cansados de minha velhice. Contei as suas glórias e chorei as suas desventuras... Nos meus livros reflete-se o desmedido amor que lhe voto. Todos falam nela. Quanto mais infeliz, mais a amo. Eu podia mentir-lhe optando pela Bahia, o berço adorado de minha mãe, terra opulenta, e abandonar o Ceará que é paupérrimo. O meu caso é de um filho que foi separado de sua mãe ao nascer e criado por outra mulher. Adulto, soube que sua verdadeira mãe era opulenta e o chamava. Preferiu ficar com a sua mãe de criação, paupérrima e infeliz. Como arrancar as profundas raízes do amor à terra que o criou? Nasci baiano por um acidente; mas de coração sou todo cearense, como nenhum será mais do que eu. (TEÓFILO, 1932, p. 23).

A infância e juventude do escritor, em Fortaleza, foram marcadas pela presença das pestes que assolavam aquela província (Teófilo aos nove anos fez o parto de uma sua irmã, que nasceu morta, por ser o único da família que não estava acamado devido ao cólera) e por dificuldades financeiras: aos onze anos viu-se órfão de pai e mãe, tendo-lhe sobrado a madrasta e vários irmãos mais novos – fato que o levou a interromper os estudos na adolescência, a fim de trabalhar. Contudo, o autor consegue formar-se farmacêutico, atividade pela qual será lembrado, eventualmente mais do que por sua atuação como escritor.

É já como farmacêutico que Rodolfo Teófilo testemunha a terrível seca de 1877 a 1879, que, combinada à varíola, dizimou 4% da população nordestina de então. Mesmo com a muito provável subnotificação, consta que o principal cemitério de Fortaleza recebeu 1004 mortos em um único dia. Aqui é importante observarmos que o autor tem certa relevância política no contexto em que estava inserido, configurando-se como uma voz ativa e incômoda contra os oligarcas que negavam a situação terrível em que o Ceará se encontrava: indignado com os senadores que afirmavam cinicamente que não havia fome, Teófilo escreve a obra documental *História da seca no Ceará: 1877-1880*, que, embora publicado muitos anos depois, desmente a narrativa que minimizava os horrores da estiagem.

Em 1900, quando nova epidemia de varíola inicia-se no Ceará, Rodolfo empreende uma campanha de vacinação com recursos próprios, aplicando gratuitamente milhares de doses da vacina que ele mesmo produzia, o que atestava a ineficiência do governo e lhe rendeu a plena antipatia dos coronéis de então. Inicia-se então intensa campanha de difamação contra o farmacêutico, o que incluiu sua demissão do Liceu em que lecionava, propagação em jornais de notícias falsas sobre mortes causadas pela sua vacina, e ataques à qualidade da cajuína, bebida feita a partir do suco concentrado de caju que Teófilo inventara como alternativa ao álcool – o autor via a bebida alcoólica como um dos grandes flagelos do Ceará, tendo fundado inclusive a Liga Cearense contra o Alcoolismo. Foi necessário um atestado do Instituto de Manguinhos comprovando a qualidade da vacina distribuída pelo farmacêutico independente para que cessassem os ataques contra ele. Como se pode imaginar, há quem compare a cruzada solitária contra a varíola empreendida por Teófilo ao trabalho de Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro, guardadas as devidas proporções e sem esquecer que o cearense não contava com o apoio da polícia ou do governo, o que confere certa aura “quixotesca” a sua empreitada. Segundo Lira Neto, principal biógrafo de Teófilo: “pela lógica perversa de uma historiografia centrada nos episódios e fenômenos do eixo sudestino do país, Rodolfo e sua epopeia cívica foram relegados ao esquecimento quase absoluto.” (NETO, 2011, p. 367).

Nosso objeto de análise é o romance *A Fome*, que Rodolfo Teófilo publica em 1890, inspirado pelos eventos presenciados entre 1877 e 1879. O romance narra a desgraça da família Freitas, que, embora abastada, estava presa ao campo: o dinheiro do coronel Manuel de Freitas estava investido em pessoas escravizadas e cabeças de gado, que o personagem reluta em vender. Sem saída, depois de morto de sede a maior parte do gado e fugida a maior parte dos cativos, Freitas manda os escravos remanescentes à venda por intermédio de um seu primo (que desaparece com o dinheiro) e acaba por migrar rumo à Capital, Fortaleza, em busca dos socorros públicos, acompanhado da esposa, da filha Carolina e dos filhos mais novos e não nomeados. É interessante notar a presença dos meninos sem nome que migram a fugir da seca nessa obra escrita quase meio século antes do célebre romance de Graciliano Ramos, embora em nosso entender os propósitos sejam

bastante diversos: se em *Vidas Secas* procura-se enfatizar a desumanização imposta àquelas crianças, em *A Fome* parece-nos que apenas não há ênfase nos personagens infantis.

Em Fortaleza os Freitas vivenciam todo tipo de desgraça: horrorizam-se com os famintos que vagam pelas ruas reduzidos a esqueletos ambulantes sem esperança, atestam tristemente a corrupção dos poderes públicos, caem doentes de varíola, as crianças todas morrem. Carolina luta para preservar sua honra, fugindo do assédio de um comissário responsável pela distribuição de socorros que procura de todas as formas seduzi-la ou forçá-la. Muito embora a estrutura do romance seja em grande medida folhetinesca e a obra termine romanticamente com o casamento de Carolina, a punição dos maus e o retorno relativamente feliz dos membros remanescentes da família a seu lugar de origem, a associação mais imediata desta obra é com o Naturalismo. Tal associação faz-se não apenas pela época de escrita e publicação, mas pelo vocabulário cientificista e pelo enfoque que recai sobre a miséria, a fome, a doença e a degradação:

A luz vinha, mas não podia tonificar-lhes os músculos depauperados pela inanição, relaxados pela atonia, pela fome! (...) A miséria e os dias de jejum gastaram as reservas nutritivas acumuladas, comeram os glóbulos vermelhos do sangue, e, uma vez desaparecidos estes da circulação, o líquido nutritivo desfiado perdera uma das qualidades mecânicas, a densidade, e a vida tornou-se penosa e aflitiva. (...) Naqueles organismos a desordem era completa. O coração, que a pouca densidade do sangue tornara irregular e tumultuoso, os afligia com sofrimentos atrozos. As pulsações eram incompletas, intermitentes, aceleradas, irrigando mal o cérebro, causando vertigens, zumbidos nos ouvidos, ou flagelando a todos os instantes! (TEÓFILO, 2011, pp. 85-86).

Muito embora o tom emotivo de folhetim manifeste-se inclusive em trechos como o citado acima – o que se vê pelas exclamações –, o vocabulário e as explicações de causa e efeito tornam evidente certa filiação à estética naturalista.

A fortuna crítica de Rodolfo Teófilo é um dos principais fatores que inspiraram a escrita deste trabalho. Parece-nos que era, e ainda é, quase unânime a ideia de que Teófilo, não obstante tenha sido um cidadão engajado e um homem que marcou sua época, era mau escritor. O estudioso Ednilo Gomes de Soárez, na biografia que escreveu sobre o autor, compila alguns pareceres de renomados escritores e críticos literários. O naturalista Adolfo Caminha teria afirmado que a obra do autor de *A Fome* é “leitura difícil e desprezível, não só porque carece das qualidades de uma obra de arte, como pela multiplicidade enfadonha de fatos e cenas, cuja repetição sem interesse real para o estudo do tipo nos podia ser poupada”, e que “ele podia ter todas as qualidades de um bom cidadão, mas em tempo algum conseguirá um lugar proeminente na literatura nacional”; José Veríssimo fala de “linguagem incorreta, pobre, descolorida, pouco artística”; Rodrigues de Carvalho, por sua vez, aponta “descuido de linguagem”, “despreocupação com o estilo” e “muita inverossimilhança na observação e análise” (SOÁREZ, 2009, p. 218).

Análises semelhantes foram feitas a respeito da obra do escritor cabo-verdiano Luís Romano Madeira de Melo e seu romance *Famintos*. Manuel Ferreira, renomado crítico das literaturas africanas em língua portuguesa (ou “de expressão portuguesa”, conforme a nomenclatura por ele usada), observa “certo verbalismo na fala dos personagens, funcionando como interferências longas do narrador”, o que “prejudica o equilíbrio da estrutura romanesca, cuja verossimilhança ou autenticidade terá sido prejudicada” (FERREIRA, 1977, p. 68). Outro grande estudioso dos escritores das ex-colônias portuguesas, Pires Laranjeira, afirma que *Famintos* é romance “alheio às exigências da evolução literária” (LARANJEIRA, 1995, p. 216). Citemos ainda Russel Hamilton, que aponta “defeitos técnicos” e “falta de organicidade” (HAMILTON, 1984, p. 170), e José Luís Hopffer Almada, que vê “nítidas deficiências no que tange à sua conformação literária” (ALMADA, 1998, p. 169).

Luís Romano era natural de Santo Antão, uma das ilhas do arquipélago que os portugueses colonizaram e chamaram Cabo Verde, pensando tratar-se de uma extensão de terra do próprio continente africano. Assim como Angola, Moçambique e outros territórios, Cabo Verde passa de colônia para “província ultramarina” durante a ditadura portuguesa centrada na figura de Antônio Salazar que ficou conhecida como Estado Novo (décadas de 1930 a 1970). A mudança de status não trouxe dignidade para a população dessas “províncias”, e diz-se mesmo que acentuou a exploração e o apartheid velado que já havia.

Embora fosse de família relativamente abastada, Romano desde sempre mostrou-se indignado com o descaso da Metrópole. Empregado na década de quarenta como olheiro nos “trabalhos d’Estado” (obras públicas de abertura de estradas), o autor observa a brutalidade com que os capatazes tratavam os famintos que procuravam aquele trabalho como último recurso, durante a terrível seca que se prolongou por seis anos, durante os quais a Segunda Guerra Mundial intensificou o isolamento do arquipélago e dificultou a chegada de socorro internacional. É nesse contexto que o único romance de Luís Romano vai, aos poucos, tomando forma: “Desde 1940 a 1943 comecei a pesquisar *Famintos* na ilha de Santo Antão, a escrevê-lo a partir de 1944 em São Vicente, para terminá-lo em 1946 em São Nicolau” (LABAN, 1993, p. 238). Em seu romance-denúncia, Luís Romano relata que parte considerável dos empregados nos “trabalhos d’Estado” morria antes de receber o primeiro pagamento, tamanha a desnutrição em que se encontrava e à violência a que era submetida.

O romance circulou clandestinamente pelas ilhas cabo-verdianas, pelo norte da África e pela Europa ocidental, chamando assim a atenção da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), a polícia política do regime salazarista. Isso fez com que o autor, engenheiro de formação e filiado ao PAIGC – Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde, importante agente nas lutas que culminaram no fim do domínio português, com papel semelhante ao MPLA em Angola e à FRELIMO em Moçambique –, partisse para o exílio na Argélia e na França, até fixar-se definitivamente no Brasil, onde

permaneceu até sua morte. Foi nesse país que Luís Romano conseguiu publicar *Famintos* pela primeira vez, em 1962. Contudo, dois anos mais tarde, a obra é proibida também aqui pela censura brasileira. Embora o escritor jamais tenha publicado outra narrativa longa, é importante ressaltar sua intensa atividade cultural, mesmo no exílio: publicou antologias, obras de crítica literária, poemas, contos (por vezes bilíngues, em português e crioulo), e foi um importante militante em prol da oficialização do crioulo cabo-verdiano como idioma do arquipélago.

Famintos, nosso objeto de análise, é um romance de forma bastante livre, fragmentada, consistindo em capítulos quase independentes, entremeados por poemas. Nesses “quadros”, como o autor os chamava, vemos histórias de “americanos” (cabo-verdianos emigrados para os EUA e retornados depois de anos trabalhando na indústria têxtil) que perdem tudo com a seca, moças que sem outro remédio tornam-se “mocratas” (prostitutas), mendigos que matam uns aos outros por migalhas, crianças que sobrevivem comendo lixo e excrementos de animais – e, paralelamente a tudo isso, administradores, capatazes e comerciantes que aproveitam o desespero dos pobres para enriquecer ainda mais.

Além da evidente semelhança temática, observamos entre *A Fome* e *Famintos*, e entre as trajetórias dos escritores em questão, de maneira mais ampla, outros pontos de contato. Um deles é o teor documental das obras analisadas. Percebe-se que são romances profundamente lastreados em eventos reais, e que possuem a intenção de denunciar esses eventos: o que nos leva a imaginar quem seriam os interlocutores previstos por cada um dos autores. Luís Romano, em seu *romance do povo cabo-verdiano sob o domínio colonialista* – subtítulo de uma das edições de *Famintos* – mostra em um de seus quadros a história de um navio com mantimentos que foi impedido de chegar às ilhas, e de um rapaz que foi subornado para escrever uma carta cujo conteúdo dizia que não havia fome e que a situação do povo das ilhas era boa apesar da estiagem. Nesse capítulo, e não só nele, vemos representações das motivações reais do romance: se por um lado fazia parte da propaganda do Estado Novo a noção de que as colônias iam bem, por outro era do interesse das elites locais que a população desesperada abrisse mão de terras e imóveis, bem como de móveis, eletrodomésticos e roupas trazidas do exterior à custa de muito trabalho, por valores irrisórios. Tudo conspirava pela manutenção do silêncio sobre a real situação das colônias/províncias, e um romance visceral e pormenorizado que representasse as diversas faces daquele horror, ainda que circulasse de forma clandestina (visto que publicação seria indubitavelmente vetada pela PIDE), foi o caminho encontrado pelo autor para fazer a verdade ser conhecida fora das ilhas.

Famintos apresenta predomínio do discurso direto, e os diálogos longos, detalhados e pouco naturais talvez justifiquem o que Manuel Ferreira chamou de verbalismo na fala e prejuízo de autenticidade ou verossimilhança:

– É isso mesmo, Campina. Enquanto não houver liberdade, os homens continuarão por esse mundo a sacrificar a existência de centenas, para se destacarem e caírem na graça dos que de um momento para outro lhes modificam a vida, enchendo-o de proteção e honrarias passageiras (ROMANO, 1983, p. 187).

A função desses diálogos é claramente pedagógica, demonstrando de forma por vezes prolixa os mecanismos através dos quais o silêncio é imposto aos rebeldes, a religião é usada como instrumento de controle e a crise de uns é enriquecimento para outros. Muitos desses colóquios são travados entre Campina, personagem revoltado que vivera na Argentina, onde estivera envolvido em greves e testemunhara assassinatos de líderes trabalhistas, e Estudante, jovem letrado e de família rica que circula entre os miseráveis, mostra interesse por cada aspecto de suas vidas, e promete a Campina escrever um livro que denuncie os absurdos presenciados. Para nós está claro que se trata de um jogo metalinguístico do escritor para demonstrar a gênese do livro, e que Estudante é em grande medida representação do próprio autor. O objetivo da obra está muito evidentemente demonstrado na fala de Campina, quando esse diz a Estudante: “a ajuda mais importante que pode fazer ao seu povo é pegar na pena e assentar no papel toda a ruindade que foi feita nesta gente sem valor que nem cachorro.” (ROMANO, 1983, p. 187). Parece-nos, portanto, que o tom “didático” visto pela crítica como defeito pode ser indicador dos interlocutores que Romano pretendia atingir: cabo-verdianos que estavam na diáspora, gente que tinha parentes nas ilhas, talvez jovens africanos da Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa – em suma, leitores que conhecendo a situação poderiam articular formas de intervir.

Caso semelhante ocorre com o autor de *A Fome*. Tendo em mente a indignação do farmacêutico com o coronelismo que – mesmo após a transição de Império para República – ditava as regras da política no seu amado Ceará e a sua revolta com o descaso dos oligarcas que nada faziam contra as pestes que varriam a província, um livro-denúncia parece bastante coerente com a postura apresentada em outras esferas pelo cidadão Rodolfo Teófilo. Pode ser que ele visse nessa obra um caminho para tornar a situação conhecida por leitores de outras partes do Brasil, talvez mais livres do jugo dos poderosos que controlavam a política, a educação e a imprensa no Ceará: o que não soa tão exagerado se lembrarmos que dez anos depois Teófilo foi difamado pelos jornais de Fortaleza e desligado do Liceu.

Mesmo que o autor não tenha pensado tão claramente em uma interlocução com leitores mais ao sul, é fato que uma obra que deixe de lado certas convenções literárias e perca verossimilhança, no intuito de ser didática e até moralizante, afina-se com a postura mais geral do escritor. *A Fome* é uma intervenção, como o foram a campanha independente de vacinação e a guerra movida contra o alcoolismo, e é testemunho e registro do que de fato aconteceu.

Para além da insuficiência artística de que parte da crítica acusa a ambos, definida, sobretudo, pela falta de verossimilhança e pelo não uso da norma culta ou da “língua literária”, há ainda outro aspecto que aproxima os dois autores em questão enquanto causa estranhamento ao público e à crítica: tanto Luís Romano quanto Rodolfo Teófilo parecem afastar-se deliberadamente dos modelos literários vigentes em seus contextos de produção.

Já foi dito de passagem, acima, que se notam alguns traços românticos em *A Fome*, que se cruzam com temas e relações de causa e efeito tipicamente naturalistas, em uma inusitada fusão de escolas literárias diametralmente opostas. A predileção por tratar de miseráveis, famintos, doentes e degenerados soa de fato como uma declaração de afinidade com a estética adotada por Adolfo Caminha e Aluísio Azevedo, assim como o vocabulário ostensivamente cientificista e as digressões “didáticas” sobre pormenores de sintomas da varíola, da desnutrição, da epilepsia e do delirium tremens, para ficarmos em alguns exemplos.

Mesmo o determinismo genético, aspecto frequente na literatura naturalista, está presente em *A Fome*. Em dado momento da narrativa, os homens e mulheres escravizados que não debandaram da fazenda dos Freitas são levados à venda pelo primo de Manuel, Inácio da Paixão, na cidade de Arronches. Submetida por Dona Faustina (esposa do traficante que compra os cativos levados por Inácio) às mais cruéis torturas, a escrava Felipa começa a apresentar sintomas de epilepsia, e uma de suas crises é presenciada pelo menino Jacó, filho de Faustina. O garoto, ao ver a cena, sofre uma espécie de ataque, e, a partir daí, torna-se também epilético, ao que o narrador nos explica: “...a criança havia sofrido um ataque incompleto de epilepsia; herdara do trisavô, um alcoólico, a nevrose, que não se tinha desenvolvido nas outras gerações que o precederam” (TEÓFILO, 2011, p. 154). É curioso como ao lado da lógica determinista paira em pé de igualdade uma interpretação romântica moralizante: Dona Faustina, pouco antes da crise do filho, começara a ter pesadelos com escravos que buscavam vingança e com o ditado “quem com ferro fere, com ferro será ferido”. Essa espécie de aviso fantasmagórico funciona como um verniz romântico sobre a frieza determinista, tornando a herança genética uma maldição despertada pela maldade. Outrossim, há a estrutura folhetinesca já mencionada, que perpassa todo o romance: uma sucessão de altos e baixos, de reviravoltas no enredo e coincidências muito pouco verossímeis, em que os maus sempre acabam punidos.

Luís Romano, por sua vez, é geralmente associado aos assim chamados claridosos. *A Claridade* foi uma revista editada em Cabo Verde da década de 1930 a década de 1960, e marca o início de um período mais voltado aos temas e formas genuinamente nativos, em detrimento dos modelos portugueses. A seca torna-se tema frequente entre os autores dessa geração, como nos informa Antônio Aurélio Gonçalves:

Existe um leit-motiv nas letras cabo-verdianas no começo do período de que nos temos ocupado até agora: a estiagem – e as suas consequências: a pobreza, a estreiteza de cada meio, a desolação da paisagem, os horizontes

que fecham as ilhas no seu círculo. (GONÇALVES, 1960, p.30).

São representantes dessa geração escritores como Baltasar Lopes, autor de *Chiquinho*, e Manuel Lopes, de *Os flagelados do vento leste*: ambos os romances têm como pano de fundo a seca e o sofrimento por ela causado. Contudo, a abordagem de Romano em *Famintos* mostra-se bastante diversa daquela trazida pelos autores mencionados: enquanto os tipicamente claridosos tratam o tema de maneira mais alusiva ou alegórica, muitas vezes recorrendo a metáforas de fundo religioso e referindo-se à estiagem como um mal cíclico inevitável, Luís Romano aborda diretamente a dimensão política do problema, deixando claro que a questão é muito mais social do que meramente climática e que a periodicidade das secas é usada pelos donos do poder como instrumento de opressão.

Por fim, além das confluências mencionadas entre *A Fome* e *Famintos*, há outra que talvez seja a que mais chama a atenção quando se tem contato com as obras: a crueza dos autores no retrato do tema, sua predileção por cenas brutais que beiram o grotesco. Se os autores da *Claridade* preferiam aludir à seca como o hálito de fogo de anjos maus que castigavam o povo, Romano nos mostra miseráveis mortos a pauladas por invadirem hortas e famintos que enfiam a mão na garganta de outros famintos que morreram engasgados, a fim de recuperar algo que sirva de alimento.

Um dos “quadros” narra o nascimento do filho de Rosenda, que por sua vez é filha do lavrador Paulino. O pai perde tudo com a longa estiagem e recorre aos trabalhos d’Estado, onde é vitimado pelos espancamentos do capataz e pela asma que cultivara nos longos anos trabalhando na indústria do algodão, quando vivera emigrado nos EUA. A jovem Rosenda embarca para São Vicente, na obra “Ilha-da-Cidade”, onde tira seu sustento da prostituição no porto, até ser mandada de volta à ilha natal em uma manobra do governo para proteger os marinheiros estrangeiros de doenças venéreas. De volta a Santo Antônio, a “Ilha-Sem-Nome”, Rosenda procura um curandeiro, que a estupra, engravida-a e convence-a de que o filho que ela espera é fruto de um milagre e será uma espécie de herói, um escolhido. Ao sentir que é chegada a hora, a moça enfraquecida pela fome procura chegar à casa do curandeiro para que este faça o parto:

E veio de improviso aquele golpe que lhe rasgou as carnes, triturando-lhe o cérebro. A respiração faltou. O sangue batia nas veias como pancadas de martelo. Num grande esforço, correu e encurtou a distância que a separava daquele casebre, caindo por terra. O útero tinha impulsos que rasgavam-lhe o fundo das ancas, a derramar sangue pelo chão. Então ela não teve fé de mais coisa nenhuma. Os cães deixaram de uivar, a sentir a viração. O odor daquele parto guiou-os até junto da pobre mulher que dava à luz um ser humano, no isolamento de tão miserável sorte. O ruído da briga acordou Curandeiro. Em frente da casa, os cães despedaçavam qualquer coisa, e engalfinhavam-se, sacudindo-se pelos pescoços. Quando o homem abriu a porta e alumiu, o quadro que viu foi o dos bichos espantados, a levarem, ao fugirem, os restos do filho de Rosenda, nos dentes; o menino que iria esquadrinhar as sete-partidas-do-mundo, e mandar a quem quer que fosse, nomes desaforados, sem medo de polícia, nem de ninguém. (ROMANO, 1983, pp.261-262).

O mesmo apreço pelo choque vê-se em *A Fome*: uma criança ainda viva coberta de morcegos a sugarem seu sangue, um faminto que come o próprio braço, um corpo que ao ser carregado para o cemitério despedaça-se em um amontoado de matéria podre que tem de ser recolhida e colocada dentro um saco e um homem que canibaliza um garoto são algumas das cenas que o narrador passa diante de quem o lê. Logo no início da jornada dos Freitas, deparam-se com uma cena que nos lembra o parto de Rosenda:

O corpo era de uma infeliz, que sucumbira no ato da maternidade, não havia muitas horas. O ar tresandava a parto. O cadáver tinha ao regaço e na postura que as mães aleitam os filhos uma criança, cuja pele estava colada ao esqueleto.

A boca esfomeada do recém-nascido instintivamente procurava o bico do peito, mas embalde; as mamas estavam reduzidas a murchas pelangas, que se colavam às costelas. A frieza do cadáver se transmitia à criança, que também recebia a frialdade da placenta, a um canto da cama em uma poça de sangue e ainda presa à extremidade do cordão umbilical. (TEÓFILO, 2011, pp. 32-33).

A postura aqui adotada contrasta com outras, mais amenas, que visam a filtrar o horror da fome, talvez a fim de torná-lo mais palatável ao leitor que busca “prazer estético”. Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, José Murilo de Carvalho faz breve comparação entre o estilo de Teófilo e o de Rachel de Queiroz, expoente do neorrealismo de 1930 e de certa forma “herdeira” do tema esmiuçado em *A Fome*:

Ao escrever *O quinze*, buscou explicitamente afastar-se da crueza naturalista de Rodolfo Teófilo, autor de *A fome*, romance publicado em 1890, inspirado na seca de 1877-1880. Na obra de Rodolfo Teófilo, segundo ela péssimo romancista, havia cadáver demais, urubu demais. Queria mostrar uma seca mais clean, mais light. Uma seca light, talvez esteja aí uma chave para entender a ficção de Rachel (CARVALHO, 2004).

A presença de “cadáver demais”, essa morbidez, por vezes entendida como mero mau gosto, pode significar uma escolha consciente e coerente por parte não só de Teófilo, mas de Romano também. Pensada em conjunto com a interlocução desejada e os objetivos – inclusive aqueles políticos e interventivos – buscados pelos dois escritores, essa opção pelo grotesco e pelo horrível parece-nos a mais lógica: um tom mais ameno talvez anulasse o propósito de ambos os romances. Ademais, se a boa literatura é justamente aquela que faz com que conteúdo torne-se forma, talvez Rodolfo Teófilo e Luís Romano não sejam artistas tão deficitários como é posto por boa parte de seus críticos. Como, afinal, abordar um assunto como a miséria? Haverá “bom gosto” cabível ao se tratar de gente que definha? Para os autores em questão, sem dúvida, não havia eufemismo possível para a fome.

REFERÊNCIAS

ALMADA, José Luís Hopffer. **A ficção cabo-verdiana pós-claridosa: aspectos fundamentais da sua evolução**. In: VEIGA, Manuel (coord.). **Cabo Verde, insularidade e literatura**. Paris: Karthala, 1998. p. 167-185.

CARVALHO, José Murilo. **Discurso de posse**. Academia Brasileira de Letras, 2004. Disponível em: <https://www.academia.org.br/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: ICP, 1977.

GONÇALVES, Antônio Aurélio. **Problemas da literatura romanesca em Cabo Verde**. In: LOPES, Baltasar (org.). **Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea**. Praia: Edições Henriquinas, 1960.

HAMILTON, Russel G. **Literatura africana, literatura necessária volume II – Moçambique, Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe**. Lisboa: Edições 70, 1984.

LABAN, Michel. Cabo Verde: **Encontro com escritores**. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1993.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

NETO, Lira. **Um homem contra o poder e a peste**. In: TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome: cenas da seca do Ceará**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2011. p. 363-369.

ROMANO, Luís. **Famintos**. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

SOÁREZ, Ednilo Gomes de. **Rodolpho Teóphilo (o polivalente polêmico)**. Revista do Instituto do Ceará, ANNO CXXIII - ANNO 2009, Fortaleza, p. 198-237, 2009.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome: cenas da Seca do Ceará**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2011.

TEÓFILO, Rodolfo. **Coberta de tacos**. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1932.

TEÓFILO, Rodolfo. **História da Seca do Ceará (1877-1880)**. Rio de Janeiro: Imprensa Inglesa, 1922.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Andina 184, 185, 189

C

Construções 69, 76, 82

Cultura 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 20, 22, 26, 36, 37, 38, 40, 41, 49, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 94, 100, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 184, 192, 196, 207, 209, 218, 220

D

Diálogo 5, 9, 65, 113, 143, 144, 145, 146, 147, 152, 153, 159, 191, 204, 205, 206, 209, 214, 215, 216, 217

Discurso 22, 33, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 72, 78, 81, 106, 110, 111, 116, 122, 126, 138, 141, 145, 146, 147, 153, 154, 172, 184, 201, 211, 216, 219

E

Ecocrítica 37, 38, 50, 220

Escravidão 7, 19, 30, 55, 60, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 133

Espaço escolar 193, 195, 196, 198, 202, 203

F

Feminino 15, 36, 69

Futebol 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

H

História 2, 3, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 28, 31, 36, 40, 44, 45, 46, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 62, 67, 71, 73, 74, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 94, 95, 96, 100, 103, 106, 111, 112, 113, 115, 119, 120, 122, 126, 127, 128, 129, 134, 140, 148, 151, 152, 155, 158, 161, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 197, 202, 203, 208, 209

I

Identidade cultural 1, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 14, 68, 71

Ideologia 39, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 126

Intertexto 144, 145

L

Letras 2, 12, 16, 23, 36, 73, 88, 94, 102, 108, 110, 111, 136, 138, 156, 157, 168, 170, 182, 183, 218, 220

Linguística 63, 64, 66, 71, 72, 73, 145, 146, 200, 201, 220

Literatura 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 38, 40, 41, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 100, 101, 104, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 125, 128, 131, 133, 134, 136, 141, 142, 143, 145, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 182, 184, 185, 191, 192, 220

M

Memória 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 43, 51, 53, 54, 57, 60, 61, 74, 81, 86, 87, 93, 97, 146, 158, 160, 164, 167, 192

Miséria 101, 102, 104, 110, 185, 189

Mitologia 184

P

Poesia 13, 122, 136, 138, 140, 141, 142, 185

Política 19, 21, 42, 52, 60, 72, 75, 77, 86, 100, 103, 105, 107, 109, 112, 113, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 178, 179, 192

Portugal 27, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 202, 207

Pós-colonialismo 25, 26, 30

Prosa 24, 65, 141, 182

Prostituição 109, 112, 113, 114

R

Representações 23, 85, 102, 106, 195, 196, 197, 198

Resistência 13, 17, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 44, 77, 189

S

Simbolismo 32

Sociologia das ausências 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 218, 219

T

Teatro 113, 138, 140, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183

Transgressão 9, 32

Turismo 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021